O LEGADO PIONEIRO DE ‘‘MATE COM ANGU’’: UMA ANÁLISE DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI

Raissa Santos RODRIGUES

Samantha LODI-CORRÊA

Universidade Estadual Paulista – Unesp - Faculdade de Ciências e Tecnologia- FCT Presidente Prudente

Eixo 08- Educação e Movimentos Sociais

raissa.s.rodrigues@unesp.br

Palavras-chave: Armanda Álvaro Alberto. Escolanovismo. Universalização do ensino.

Resumo

O presente trabalho constitui um recorte de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) maior, tendo como principal objetivo fazer um resgate histórico de uma experiência Escolanovistas pioneira no Brasil: a Escola Regional de Meriti, fundada no ano de 1921 pela educadora, feminista e signatária do Manifesto dos Pioneiros de 1932: Armanda Álvaro Alberto, na cidade de São João de Meriti (atual Duque de Caxias) no Rio de Janeiro. Tendo como base a análise bibliográfica, sua relevância justifica-se pela predominância das epistemologias masculinas dominantes nos referenciais teóricos da História da Educação brasileira e pelo apagamento das mulheres e de suas contribuições educacionais nesse espaço. Nesse sentido, é fundamental que haja um resgate, empoderamento e reconhecimento das mulheres que estiveram atuando em prol da educação brasileira ao longo dos anos, de modo que possamos reconstruir tais referenciais de maneira mais inclusiva e feminina.

Palavras-chave: Armanda Álvaro Alberto. Escolanovismo. Universalização do ensino.

1. Introdução

Armanda Álvaro Alberto constitui uma das figuras intelectuais femininas mais expressivas quando falamos do movimento feminista no Brasil do século XX, e da luta em prol da democratização do acesso ao ensino, sobretudo àquele voltado aos filhos dos trabalhadores e à classe operária.

Apesar de não ter tido uma formação como Normalista, nome dado às professoras e professores que, naquela época, formavam-se por intermédio das Escolas Normais, Armanda foi responsável por construir no Brasil uma verdadeira experiência Escolanovista,

apoiada nos princípios educacionais de Maria Montessori, de Pestalozzi e de John Dewey: a Escola Regional de Meriti, uma instituição inovadora localizada na cidade de São João de Meriti (atual Duque de Caxias) que destinava-se à atender crianças, adolescentes e até mesmo adultos das classes menos favorecidas, oferecendo-lhes alimentação[1], vestimentas e até mesmo serviços de saúde e saneamento básico.

3. Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada ao longo deste recorte, e da pesquisa como um todo, envolveu os seguintes processos: a realização de um levantamento quantitativo de fontes secundárias de pesquisa, produzidas sobre Armanda Álvaro Alberto, incluindo artigos, teses, dissertações, produções audiovisuais (documentários) e publicações em periódicos que abordaram a sua trajetória a partir de diferentes perspectivas, incluindo gênero, educação e política; bem como a leitura, análise e o fichamento das obras selecionadas.

2. Fundamentação Teórica

Para o desenvolvimento do presente recorte, foram lidas e analisadas 3 fontes secundárias de pesquisa, incluindo artigos, teses, publicações em periódicos e produções audiovisuais. Com destaque para os trabalhos de Mignot (2010), Moraes (2014) e o documentário “Armanda” de Rodrigo Dutra e Liliane Leroux (2022), que trouxeram diferentes perspectivas em relação à biografia de Armanda Álvaro Alberto enquanto educadora, feminista e revolucionária.

Cabe salientar que ao longo de todo o processo, adotou-se uma abordagem histórico-crítica, ou seja, ao mesmo tempo em que investigou-se a trajetória de Armanda Álvaro Alberto em uma perspectiva multidimensional, também buscou-se compreender o cenário social, educacional, econômico e cultural em que esteve inserida; o que foi essencial para fossem problematizadas as desigualdades educacionais que assolavam a população carente na época.

Em relação aos trabalhos analisados, Mignot (2010) apresenta um estudo biográfico rico e detalhado sobre Armanda Álvaro Alberto a partir de um resgate pessoal de sua autoria. Os documentos revelam sua trajetória política, seu papel no movimento feminista durante o Estado Novo, sua atuação como revolucionária em prol da educação, sobretudo de uma educação pública e para todos e sua dedicação à Escola Regional de Meriti. Nesse sentido, a autora destaca como Armanda foi uma das três mulheres, ao lado de Cecília Meireles e Noemy Silveira Rudolfer a participar como signatária do Manifesto

[1] A Escola Regional de Meriti foi a primeira a distribuir merenda escolar no Brasil.

dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, utilizou métodos que colocavam a criança no centro do processo educativo e defendeu a relação afetiva entre a escola e a comunidade; rompendo com um cenário tradicionalista do século XX.

Moraes (2014) aborda a trajetória de Armanda Álvaro Alberto a partir de um viés político e revolucionário, resgatando sua atuação no campo educacional e político dos anos 1930, trazendo uma compreensão dos conturbados anos 1930 e a repressão ocorrida. Sob esse viés, o autor destaca sua atuação no movimento feminista e na reivindicação pelos direitos femininos, momento em que presidiu a União Feminina do Brasil e acabou presa ao lado de outras mulheres, tais como: Olga Benário, Nise da Silveira, Maria Werneck, Beatriz Bandeira, Eugênia Álvaro Moreyra e tantas outras consideradas rebeldes e comunistas durante o Estado Novo; também conhecido como a ditadura de Vargas.

Do mesmo modo, a produção audiovisual de Rodrigo Dutra e Liliane Leroux, o documentário “Armanda” (2022) retrata o momento histórico da prisão política de Armanda Álvaro Alberto, sob a acusação de ter participado do levante comunista de 1935 ao lado de outras figuras consideradas rebeldes e revolucionárias.

Além disso, também foi analisada a obra A Escola Regional de Meriti: Documentário (1968), fonte primária de pesquisa escrita pela própria educadora e por outras figuras do campo educacional brasileiro que analisam e dissertam sobre a Escola Regional de Meriti (A Mate Com Angu), destacando: o que foi a instituição, quais seus principais feitos, qual a sua importância dentro do movimento Escolanovista e, principalmente, quais foram as suas contribuições diante do cenário em que se encontrava a instituição. Dessa forma, foi possível compreender o pioneirismo da instituição, em relação aos princípios da Escola Nova e do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932.

Por fim, para compreender melhor o cenário educacional da época, especificamente o movimento Escolanovista no Brasil, utilizou-se a tese de livre-docência de Viotto Filho (2020), onde o autor investiga o papel da escola pública como ferramenta essencial na promoção da humanização e da transformação social; reconstruindo a trajetória da história da educação desde a Antiguidade até a modernidade.

4. Discussão

Armanda Álvaro Alberto – Um relato inicial de sua trajetória

Armanda Álvaro Alberto, futura educadora, feminista e revolucionária em prol da educação pública, figura principal deste trabalho, nasceu no dia 10 de junho de 1892, no Rio de Janeiro. Ela foi filha de Maria Teixeira da Motta e Silva[2] e de Álvaro Alberto Silva[3].

A filha do casal, recebeu sua primeira educação nas dependências da residência da família, inicialmente, por intermédio da própria mãe, Maria e, posteriormente, com o apoio de professores particulares contratados pela matriarca, uma mulher culturalmente letrada que alfabetizou os filhos e os ensinou diferentes línguas, tais como o inglês, o francês e o alemão. Cabe salientar que, Armanda só veio a ter contato com a educação formal, propriamente dita, aos 14 anos de idade, momento em que realizou um curso sobre literatura inglesa, no Colégio Jacobina[4] (Mignot, 2010).

Como citado anteriormente, Armanda não foi filha única, teve um irmão: Álvaro Alberto da Motta e Silva, que também recebeu sua primeira educação vinda de sua mãe, ainda na casa da família, mas que, no entanto, por ser homem, teve à educação formal mais cedo, especialmente àquela voltada ao ensino profissionalizante. Segundo Mignot (2010, p. 23):

> Ele estudou na Escola Politécnica e na Escola Naval. A partir de 1925, aperfeiçoou seus estudos em Bruxelas. Ingressou na Marinha onde chegou ao posto de almirante. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciência e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e notabilizou-se pelos estudos pioneiros na área de energia nuclear, influenciando a política nacional neste setor.

Apesar de não ter tido acesso à educação formal, tal qual seu irmão, e nem frequentado as Escolas Normais, que formavam os estudantes para atuarem no magistério, Armanda pôde ter contato com diferentes correntes pedagógicas e teorias educacionais inovadoras, através de viagens que realizou pela Europa juntamente com seu pai, o que lhe permitiu conhecer autores como Pestalozzi, Maria Montessori e John Dewey, que viriam a influenciar sua futura prática pedagógica.

Ademais, a autora também teve contato com uma onda de ideias que vinham surgindo no campo da educação, a chamada Escola Nova, também conhecido como o

[2] De quem, até o momento atual da pesquisa não se encontram registros precisos e completos.

[3] Segundo o levantamento de dados feito por Mignot (2010), o pai de Armanda, Álvaro Alberto Silva, atuou como um renomado médico, redator e redator-chefe da Revista Acadêmica e da Gazeta Médica Brasileira, respectivamente. Além disso, também atuou como Intendente Municipal do Distrito Federal, tratando da saúde pública local ao passo que, posteriormente, também se dedicou ao estudo da química aliada à medicina, pelo qual viria a ser premiado nacional e mundialmente.

[4] “Escola na qual iniciaria suas atividades no magistério, pouco tempo depois” (Mignot, 2010, p. 23).

Movimento Escolanovista que, pela primeira vez, trouxe uma nova perspectiva ao mudar o foco da educação da figura do professor para a figura do aluno, que passa a ser visto e considerado o centro de todos os esforços educativos e do processo de ensino e aprendizagem.

> A 'Educação Nova' se constitui como reação contra a velha estrutura do serviço educacional de caráter artificial e verbalista. A nova concepção funda-se "no caráter biológico que permite a cada indivíduo se educar", até onde permitirem suas aptidões naturais, independente de ordem econômica e social (Viotto Filho, 2020, p. 64 *apud* Saviani, 2008, p. 244).

Cabe citar também que o Movimento Escolanovista também propunha diversas mudanças no que diz respeito à organização da escola, tendo em vista que tinha como princípios garantir uma educação pública (única) de qualidade para todos, laica, gratuita e sem distinções de gênero, ou seja, coeducativa. Princípios estes que estarão presentes no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, do qual Armanda participará ativamente como uma de suas signatárias ao lado de outras duas mulheres: Noemy Silveira Rudolfer e Cecília Meireles.

> O 'Manifesto dos pioneiros da educação nova' é redigido inicialmente por Fernando Azevedo e subscrito por 26 intelectuais brasileiros [...]. Conforme esclarece Saviani (2008) o objeto do 'Manifesto' é a "reconstrução educacional no Brasil" e os destinatários do texto são o povo e o governo (Viotto Filho, 2023, p. 64).

Sua primeira experiência como professora deu-se por intermédio de seu irmão, Álvaro Alberto da Motta e Silva quando este, em 1919, viajou para a cidade de Angra dos Reis, acompanhado da irmã, para servir à Marinha. Lá, a educadora se deparou com a ausência de escolas públicas e privadas para a população local, os filhos dos pescadores, e com uma taxa de analfabetismo altíssima. Diante do contexto, Armanda relata:

> Apareceram prontamente cerca de 50 crianças, para as quais não existia escola pública ou particular, por toda a redondeza. Não tendo coragem de rejeitar nenhum desses alunos, que iam dos 3 aos 16 anos, organizei as turmas com a homogeneidade possível em tais circunstâncias, e pus-me a praticar o que estudara nos livros da Montessori (Armanda, 1968, p. 35).

Seus primeiros alunos, portanto, eram os filhos dos pescadores e dos operários que habitavam nas redondezas de Angra dos Reis e foi em suas praias que, durante os meses em que esteve acompanhando o irmão, Armanda dedicou-se a ensiná-los, tendo em vista que eram:

> Crianças, adolescentes mesmo que não sabiam sequer dar nome às cores, salvo a dos frutos verdes e maduros, que ignoravam sua condição de brasileiros, que dos engenhos da civilização moderna, apenas conheciam os vapores costeiros e os navios de guerra de vez em quando ancorados na baía (Alberto, 1968, p. 35).

Apesar da carência do público atendido e “ainda que a escola funcionasse com estrutura bastante precária, a proposta de ensino seguida por Armanda já se voltava para a abordagem dos conteúdos de interesse e da realidade das crianças” (Coutinho, 2023, p. 12). Nesse sentido, tem-se a seguinte descrição da escola ao ar livre:

> Como mobiliário [...] uma única mesa de pinho, uma cadeira e esteiras no chão. Cerca de cinquenta crianças da região [...] chegavam diariamente de canoa, ou após longa caminhada, por volta das seis, sete horas da manhã e só iam embora à noite. Partindo de seu interesse, Armanda levava-as a manipular objetos concretos: conchas, pedrinhas, folhas, frutos, retalhos de tecidos diversos, convertidos em material didático. Tentava, dessa forma, apostar na capacidade de pensar da própria criança, tomando como ponto de partida seu universo, sua experiência (Mignot, 2010, p. 54).

É possível perceber que já na escola ao ar livre, Armanda aplicava os princípios Escolanovistas ao considerar a criança como centro e conduzir seu processo de ensino a partir dos próprios interesses da criança. Além disso, também seguia os aprendizados de Montessori ao propor que todos os objetos proporcionados pela natureza fossem utilizados como recursos educativos e, até mesmo, como materiais didáticos propriamente ditos.

Em síntese, sua primeira experiência educacional funcionou como um projeto piloto para o que viria a ficar conhecido como uma das maiores experiências Escolanovistas no Brasil, a Escola Regional de Meriti, fundada apenas dois anos depois na cidade de São João de Meriti, atual Duque de Caxias, que será analisada a seguir.

A Escola Regional de Meriti

Fundada em 1921, na cidade de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, como citado anteriormente, a Escola Regional de Meriti consolidou-se no cenário educacional brasileiro como uma das experiências mais significativas do movimento Escolanovista no Brasil, não somente por garantir um ensino focado na figura da criança, mas também, por promover assistência à uma população carente (que habitava a região de Meriti), por disseminar à cultura entre essas pessoas e por garantir sua participação no meio escolar.

Segundo Beatriz Osório[5], “os operários da fábrica se queixavam da falta de escolas para seus filhos” (Moraes, 2014, p. 184 *apud* Alberto, 1968), o que evidencia a carência

[5] Beatriz Osório foi uma professora normalista que visitou a Escola Regional de Meriti quando esta já havia sido construída e estava em funcionamento na área rural de São João de Meriti, ao passo que ganhava notoriedade no cenário educacional brasileiro por suas inovações pedagógicas e por ser considerada como uma verdadeira experiência Escolanovista (Moraes, 2013).

por educação na região. Logo, com relação ao contexto em que se inseria a instituição e a comunidade local, as desigualdades e as dificuldades enfrentadas eram diversas:

> Epidemias de sarampo, coqueluche, casos de tuberculose, surtos de impaludismo, que conviviam com a ausência de Posto de Profilaxia, guarda sanitário, vacinas, medicamentos, assistência médico-odontológica, água encanada, rede de esgotos, instalações sanitárias, iluminação e transporte, que assinalavam ainda o aumento populacional, a miséria e a violência decorrente da ocupação de terras a partir de 1930 (Mignot, 2010, p. 51).

Diante dessa realidade, Armanda, portanto, buscou possibilitar à estas pessoas muito mais do que somente o acesso à educação, incorporando, também, dimensões assistencialistas à sua proposta educacional. E é por isso que a Escola Regional de Meriti também buscou garantir a assistência médica aos educandos e, quando possível, às suas famílias; orientações sobre higiene e saneamento, vestimentas e, principalmente, alimentação aos alunos. Nesse sentido, destaca-se o pioneirismo da instituição ao implementar a merenda escolar, o que evidencia a sua compreensão ampliada da educação, que considera que o bem-estar dos educandos, assim como as condições materiais da instituição, que são partes indissociáveis do processo de ensino e aprendizagem.

A educadora, portanto, relata cada um dos atendimentos e cuidados realizados pela escola:

> Essas medidas atenuam, não há dúvida, mas não removem o grande mal. Outras vão sendo aplicadas, paralelamente a essas: horário especial para as crianças cujo trabalho em casa as impediria de frequentar qualquer outra escola, merenda quente (mate com angu de milho, ou feijão ou macarrão); fornecimento do avental ou do macacão, conforme o sexo, além de outras peças de roupa; todo o material escolar, inclusive os belos livros recreativos; convivência das famílias com as professoras, pois podem ficar assistindo as atividades dos filhos quantas horas queiram, permissão, em alguns casos, para que as meninas tragam consigo o irmãozinho de que cuidam, ou porque não tenham mãe, ou porque esta trabalhe fora; assistência médica, remédios, hospitalização em vários hospitais do Rio, serviços esses extensivos às famílias dos alunos (Alberto, 1968, p. 48).

A partir dessa experiência, Armanda passou a defender que a democratização do acesso ao ensino, assim como as vivências oferecidas pelas escolas deveriam vir de uma ação articulada entre os diferentes agentes e setores da sociedade. Tal afirmação evidencia uma perspectiva coletiva da educação, na qual a escola, a comunidade e o poder público atuam de forma integrada para garantir a disseminação do ensino público. Em suas palavras: “o médico, o dentista, à costureira, à doceira, todos podem e devem contribuir para a obra de educação comum” (Alberto, 1933 *apud* Mignot, 2010, p. 26).

Para viabilizar seu projeto, a escola contou com a ajuda financeira da firma F. Venâncio & Cia[6], de intelectuais[7] e, posteriormente, de membros da comunidade local, tais como comerciantes, médicos, banqueiros e advogados[8]. Essa rede de apoio evidencia dois pontos fortes da escola: a solidariedade e a cooperação.

Em relação à sua organização portanto, temos que:

> Não tendo sob os olhos nenhum modelo a seguir, foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou desde o começo [...] a feição de um lar-escola, embora externato, com número limitado de alunos, a quem não se dão notas, prêmios, ou castigos (Alberto, 1968, p. 36).

O curso da Escola Regional de Meriti dividia-se em quatro graus, organizados em três fundamentais e o último voltado para o aprofundamento em desenho, trabalhos manuais, economia doméstica, noções de jardinagem e de criação (Alberto, 1968). Moraes (2014, p. 185) nos traz dados sobre o que diz respeito ao currículo da instituição, especificamente, que era composto por aulas relacionadas à:

> Linguagem, desenho (fazem parte de todas as aulas), cálculo, geometria, trabalhos manuais femininos e masculino, jogos e cânticos infantis, estudos da natureza, higiene, jardinagem e criação, geografia (especialmente do Brasil), história da humanidade (especialmente do povo brasileiro), economia e trabalhos domésticos (Moraes, 2014, p. 185 *apud* Alberto, 1968, p. 39).

A partir do excerto resgatado, é possível percebermos que na Escola Regional de Meriti não haviam distinções no que diz respeito ao ensino para meninos e meninas, como era predominante na época, já que os estereótipos de gênero definiam o que cada um

[6] (Moraes, 2013). Cabe citar também que a firma em questão, havia sido fundada por seu irmão Álvaro Alberto, e funcionou como a principal mantenedora da Escola Regional de Meriti. Entretanto, a escola em questão também contou com doações e investimentos de intelectuais, profissionais liberais, comerciantes locais, políticos e até mesmo de alguns pais e responsáveis que auxiliavam na manutenção da instituição.

[7] À título de exemplo, encontram-se em atas de presença em reuniões e em agradecimentos proferidos pela educadora, os seguintes nomes: Maria Lacerda de Moura, Belisário Pena, Francisco Venâncio Filho, Heitor Lyra DA Silva, Roquette Pinto, Paschoal Leme, entre outros (Moraes, 2013).

[8] Armanda acreditava que a educação deveria advir de uma ação conjunta entre o poder político e social, ou seja, todos os membros da sociedade, assim como o Estado e o Governo, deveriam trabalhar conjuntamente para que se pudesse ampliar o acesso à educação. No sentido de tal ideal, a educadora contou com inúmeras doações e investimentos externos que ajudaram a manter a escola e as práticas realizadas cotidianamente.

estudaria[9]. O princípio da coeducação, torna-se, portanto, um dos elementos mais inovadores de sua proposta pedagógica.

Outro aspecto muito importante da instituição refere-se à valorização da experiência infantil como um ponto chave do processo de ensino e aprendizagem. Logo, ganha destaque o Museu Regional:

> Nesse espaço, eram recolhidas as coleções que contavam com a contribuição de todas as crianças: pedrinhas, ovos de passarinho, insetos ou "qualquer coisa que lhes pareça [...] original e digno de atenção". [...] Didaticamente, esses elementos eram classificados de acordo com a qualidade e espécie. Assim, incentivava a "criançada a estudar a natureza e amar, nas suas expressões mais variadas, todos os prodígios da criação" (Moraes, 2014, p. 186 *apud* Almeida, 1968, p. 60).

No Museu Regional, portanto, as peças coletadas pelas crianças eram expostas e carregavam consigo muito mais do que a diversidade de elementos coletados por elas, mas também um significado de pertencimento e participação. Um verdadeiro princípio Escolanovista. Já que as crianças exploravam, seguiam seus próprios instintos e interesses ao mesmo tempo que aprendiam utilizando-se da prática antes mesmo de chegarem à teoria (Moraes, 2014).

Com igual relevância, também destaca-se a Biblioteca Euclides da Cunha, um espaço integrante da Escola Regional de Meriti, que atendia tanto os alunos quanto a comunidade local com um acervo que aumentou expressivamente ao longo dos anos. Falamos, portanto, de uma instituição que se preocupou em levar à uma comunidade afastada da região central não somente o acesso à educação, mas também à cultura, à literatura, à saúde, ao saneamento básico e aos cuidados essenciais para a qualidade de vida da população local.

Cabe salientar que tais cuidados nunca cessavam, conforme cita a própria educadora: "dadas as condições em que vivem nossos alunos, cedo compreendemos que a sua escola não devia ter férias completas. Assim, a assistência médica e as aulas de trabalhos manuais não se interrompem nesse período" (Alberto, 1968, p. 36).

Sendo assim, a Escola Regional de Meriti configurou-se como uma experiência educativa que buscou romper com a lógica tradicionalista vigente ao integrar um ensino ativo, contextualizado e significativo com a assistência social, com a participação comunitária e com a disseminação da cultura à população. Sua proposta pedagógica,

[9] Da mesma forma que definiram que Armanda não teria acesso ao mesmo tipo de educação que o seu irmão, que formou-se em uma escola profissionalizante e em um curso superior, espaços voltados exclusivamente para os homens.

ancorada nos princípios Escolanovistas e adaptada às condições concretas da população atendida, evidencia o caráter inovador e socialmente comprometido da atuação de Armanda Álvaro Alberto, contribuindo significativamente para o debate sobre a democratização do ensino no Brasil.

5. Resultados obtidos

Os resultados obtidos neste recorte evidenciaram que a Escola Regional de Meriti, popularmente conhecida como Mate com Angu, constitui uma experiência pedagógica pioneira no contexto brasileiro no que diz respeito a promoção de uma educação pública para todos, sem distinções de nenhuma natureza, integrada com a assistência social e com uma relação linear entre a comunidade e a instituição de ensino. No âmbito pedagógico, identificamos os princípios do escolanovismo na centralidade assumida pela criança no processo educativo (espaço anteriormente ocupado pela figura do professor), pela valorização de sua experiência própria como um aspecto fundamental para a aprendizagem, pela coeducação e pelo rompimento com os métodos tradicionais que se baseavam unicamente na memorização e na transmissão passiva de conhecimentos.

Outro resultado relevante diz respeito à organização curricular da escola, que se orientava pela perspectiva da formação integral dos educandos. A articulação entre conteúdos científicos e atividades práticas demonstra a intenção de desenvolver múltiplas dimensões do sujeito, superando a fragmentação do conhecimento e promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Destaca-se ainda a presença de mecanismos de participação ativa dos alunos na organização escolar, como as comissões de trabalho, que possibilitavam o exercício da autonomia, da responsabilidade e da vivência democrática. Nesses espaços:

> Todos os alunos, dos dez anos em diante, desde que cooperarem para a comunidade, votam e são elegíveis para diversos cargos [...]. Nas próprias assembleis gerais [...] aqueles já mais treinados deem o exemplo de opinar com seriedade sobre os assuntos de interesse comum. E as resoluções da assembleia são respeitadas pela diretora (Alberto, 1968, p. 54).

Essas práticas evidenciam que a escola funcionava não apenas como um espaço de ensino formal, mas também como um ambiente que buscava formar os indivíduos de maneira integral, contribuindo também para o desenvolvimento de habilidades que seriam utilizadas por ele na sociedade.

No que diz respeito à relação entre a instituição escolar e a comunidade local, os resultados da pesquisa apontam para uma relação afetiva, colaborativa e linear entre as

famílias e os diferentes agentes escolares. Sobre esse vínculo, Edgar Süssekind de Mendonça[10], comenta:

> Enquanto isto, a Escola Regional de Meriti, com o seu prédio em construção de estilo rural, pronunciadamente doméstico e que tudo faz por ser chamada escola-casa de família, frequentada diariamente pelas mães dos alunos, que, por sua vez, são procuradas em casa pela professora-visitadora, abrindo as suas portas às visitas prediletas das necessidades locais, reclamando a colaboração da região a todo instante (Alberto, 1968, p. 17).

Em síntese, a análise permite afirmar que a Escola Regional de Meriti representou uma das experiências mais significativas (se não à mais significativa) no que diz respeito à luta pela democratização do acesso ao ensino e à cultura no Brasil, especialmente por ter se dedicado a atender grupos historicamente marginalizados da região de São João de Meriti e por propor um modelo educacional pautado no respeito, na equidade, na participação ativa e na formação integral dos educandos. Nesse sentido, o legado de Armanda Álvaro Alberto revela-se fundamental para a compreensão de práticas educacionais voltadas à justiça social e à universalização do acesso à educação:

> A Escola Regional de Meriti quer evitar que uma instrução mal orientada possa vir a agir como fator de dispersão, quer ligar intimamente a instrução e o trabalho, quer afeiçoar e não escravizar à terra a população infantil que nela vai labutar, quer que essa população saiba viver mais racionalmente, ajudando a sanear o meio [...], quer que ela possa executar um trabalho mais eficiente e, portanto, mais remunerador, conseguindo assim, materialmente, viver melhor; finalmente, quer que ela aprenda a discernir no ambiente que a cerca, nas cousas mais simples e aparentemente mais banais, assim como na solidariedade humana, todo o tesouro da beleza que encerram, elevando as almas e enobrecendo a vida (Alberto, 1968, p. 66).

Diante desse percurso, a antiga Escola Regional de Meriti, posteriormente denominada Escola Doutor Álvaro Alberto e, atualmente, Creche Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto, permanece como uma importante instituição histórica e educacional do município de Duque de Caxias (RJ). Apesar das transformações e das dificuldades relacionadas à manutenção, à preservação de seu patrimônio e à falta de investimentos, a escola tem preservado elementos de sua história e do legado de Armanda Álvaro Alberto. Nesse sentido, sua trajetória atual é marcada pela resistência e pela continuidade de uma experiência educacional que permanece sendo ressignificada pela comunidade escolar.

4. Conclusões

A análise da trajetória de Armanda Álvaro Alberto e da experiência da Escola Regional de Meriti nos permite compreender o papel fundamental das iniciativas

[10] Futuro companheiro de Armanda Álvaro Alberto.

educacionais que estavam comprometidas com a transformação social e com a democratização do acesso ao ensino no Brasil do século XX. Por estar inserida em um contexto marcado por profundas desigualdades sociais e pela ausência de políticas públicas que garantissem a qualidade de vida da população, a instituição Mate Com Angu (a Regional de Meriti), destacou-se por articular o ensino, a assistência e a relação afetiva entre escola e comunidade, antecipando debates que ainda permanecem presentes na atualidade.

Por fim, o estudo reafirma a importância e o seu objetivo inicial de resgatar e reconhecer a trajetória educacional de mulheres que foram silenciadas e apagadas da História da Educação brasileira. A trajetória de Armanda Álvaro Alberto evidencia não apenas seu protagonismo no campo educacional, mas também sua contribuição para a construção de uma educação pública, democrática e socialmente referenciada.

5. Principais referências

ALBERTO, Armanda Álvaro. *A escola regional de Meriti. Rio de Janeiro*: INEP-MEC, 1968. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/historia-da-educacao/a-escola-regional-de-meriti-documentario-1921-1964 . Acesso em: 04 de janeiro de 2026.

COUTINHO, P. M. *O movimento Escola Nova no contexto histórico do primeiro governo de Getúlio Vargas* (1930-1945). History of Education in Latin America - HistELA, 6(1), 2023. Recuperado de https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/33347. Acesso em: 28 de abril de 2026.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Armanda Álvaro Alberto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010 – (Coleção Educadores). Disponível em: https://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205194 . Acesso em: 16 de dezembro de 2025.

MORAES, José Damiro de. *Armanda Álvaro Alberto*: escola nova e repressão política nos anos 1930. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 13, n. 53, p. 183–195, 2014. DOI: 10.20396/rho.v13i53.8640200. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640200 . Acesso em: 16 de dezembro de 2025.

VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando Tuim. *Escola-comunidade*: educação escolar crítica na direção da humanização e transformação social. 2020. 228 f. Acesso em: 28 de abril de 2026.